

ANA MARIA CARNEIRO MENDES FEULO

LITERATURA INFANTIL

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL - SP
2008**

ANA MARIA CARNEIRO MENDES FEULO

LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Professora Mara Regina Mellini Jabur

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL - SP
2008**

dedicamos

aos meus pais Antonio Mendes (*in memoriam*) e Maria de Lourdes Carneiro Mendes, ao meu marido Henrique Gustavo Feulo e à minha filha Maitê Mendes Feulo, sem os quais meus projetos de vida não teriam sentido.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador pela vida e pelas bênçãos que diariamente recebo.

Aos professores que ministraram as aulas do curso, com destaque para a Professora Vanessa de Bello.

À Professora Mara Regina Mellini Jabur, pela sua valiosa orientação.

Aos colegas do curso de Pós-Graduação, em especial às amigas Patrícia Vichi, Silvia Di Vidi, Márcia Funck e Ana Maria Viegas, que me proporcionaram tão relevante apoio e estímulo.

“Diante do colar – belo como um sonho – admirei sobretudo o fio que unia as pedras e se imolava anônimo para que todos fossem um”.

D. Hélder Câmara

RESUMO

O presente trabalho ressalta a importância da literatura infantil, pois demonstra sua contribuição na formação do ser humano para a vida adulta, somada à atuação da escola de base que apresenta, de forma lúdica, conhecimentos de toda natureza.

Destaca, ainda, que a preferência revelada pelo público mirim deveria ser considerada como medida, a justificar a classificação do que seja verdadeiramente literatura infantil, o que se evidencia diante do interesse e curiosidade que atrai as crianças para determinadas obras. Apóia-se em referências bibliográficas de renomados escritores que não escondem a permanente preocupação que têm, frente ao elevado número de autores que, no intuito de criar uma obra de literatura infantil, acabam produzindo, apenas, alguns escritos destinados ao pequeno leitor com pouco ou nenhum valor literário. Ressalta a atual facilidade encontrada para a aquisição de livros, aliada a tantos lançamentos colocados à nossa disposição com suas cores e belas ilustrações, o que dificulta a tarefa de distinguir o que realmente seja literatura infantil ou simplesmente livro escrito para crianças fato que, por vezes, passa despercebido pelo comprador. O texto informa, também, que há no mercado de produção literária valiosas obras de comprovado aproveitamento infantil, ao descreverem situações cotidianas que abordem temas difíceis de se lidar quando uma criança passa pela experiência, como a morte de qualquer pessoa ou a separação dos pais, oferecendo à elas apoio de valor inestimável.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1	A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL.....	09
2	A PRODUÇÃO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL.....	11
3	LITERATURA INFANTIL E ESCOLA.....	13
4	LITERATURA GERAL E INFANTIL.....	16
4.1	O Livro Infantil.....	16
4.2	O Livro que a Criança Prefere.....	17
4.3	Bibliotecas Infantis.....	18
5	A LITERATURA QUE INFORMA.....	20
5.1	Lendo sobre separação.....	21
5.2	Lendo sobre o crescimento pessoal.....	22
5.3	Lendo sobre a morte.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um tema de grande relevância para todos, vez que a criança de hoje será o adulto de amanhã, assim como o adulto de hoje foi a criança do passado, que atingiu este estágio com toda a carga de informações recebidas da família e da escola em sua educação infantil.

A literatura infantil pode ser oral ou escrita, sendo que cada uma tem o seu brilho, valor e peso a contribuir na formação da criança ainda em processo de desenvolvimento. Assim, torna-se imprescindível o contínuo policiamento dos pais e educadores, vez que infelizmente existe uma pequena parcela de profissionais que se propõem a escrever visando exclusivamente o lucro fácil e rápido, pouco se importando com os reflexos que o seu trabalho produzirá no íntimo dos pequenos leitores, que se tornam quase indefesos diante de uma obra mal elaborada.

No entanto vale a pena acreditar naqueles vocacionados para a produção literária que, respeitados em seu meio, contam com o nosso apoio quando nos recusamos a apresentar como literatura infantil, alguns escritos recheados de variados recursos técnicos que mascaram a verdadeira incapacidade de seus autores em prender, por longo tempo, a atenção dos pequenos.

Neste trabalho serão abordados aspectos como a valorização da literatura infantil, sua produção nacional, sua relação com a escola, o que se entende por livro infantil, além de mencionar obras que de forma mais apropriada falam de situações específicas, por vezes dolorosas que, ao serem enfrentadas, nos ajudam a crescer, destacando que este processo se inicia na família e prossegue na vida escolar, nos preparando para a fase adulta

No decorrer deste trabalho, a metodologia servirá como base para a verificação e análise, de modo mais abrangente, da influência que a literatura infantil exerce em nossas vidas.

1 A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

O que se entende por literatura infantil, pode-se afirmar que todos nós sabemos, considerando que um dia já fomos criança, além do fato de sempre termos por perto a presença de uma delas na figura de um filho, sobrinho, vizinho, dentre outros.

No entanto, foi na década de 80 que houve aqui no Brasil o despertar para a literatura infantil, cujo fenômeno ocorreu, dentre outros fatores, pela constatação do alto índice de analfabetismo entre os adultos, o que certamente impedia que a nação ingressasse numa fase de desenvolvimento.

É oportuno lembrar, também, que na década de 70, o governo Médice pretendeu, em curto prazo, banir o analfabetismo quando recorreu ao Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização (criado em 1967, na época de Costa e Silva, mas que se expandiu somente em seu governo), que se destinava a atingir os iletrados que, naquela ocasião, representavam metade da população. Posteriormente, através de seus dados, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que é um órgão governamental, demonstrou que o movimento havia fracassado.

Pretendeu-se, ainda, erradicar o notório subdesenvolvimento educacional priorizando quantidade e não qualidade do ensino. Assim, vieram as televisões educativas do governo e, posteriormente, o tele-curso de iniciativa privada, apresentados como alternativas modernas da educação.

Porém, somente após a adoção de uma mudança de estratégia, onde se passou a valorizar o ensino básico, reconhecendo-o como decisivo para a educação, somada à ação pedagógica que voltou a privilegiar o livro como elemento necessário ao crescimento intelectual e à afirmação cultural, surgiu a oportunidade de se investir na literatura infantil, através de estudos e publicações de temas destinados ao leitor

mirim.

Neste cenário, a intenção inicial das escolas de se voltar para a literatura infantil, foi vista como um instrumento de expansão do escasso domínio lingüístico dos alunos, ao considerar que “quem lê, sabe escrever” (CADEMARTORI, 1994, pág. 19).

Concluiu-se, assim, que ao adotar o hábito da leitura a criança certamente escreveria melhor, passando a dispor de um amplo repertório de informações que, por via de conseqüência, a auxilia em sua formação no desenvolvimento de pensamento crítico.

2 A PRODUÇÃO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil brasileira teve como precursor o intelectual Monteiro Lobato, cuja obra reinou durante muito tempo em virtude da ausência de escritores com semelhante capacidade.

Em sua maior criação denominada Sítio do Picapau Amarelo, que se desenrolava num ambiente rural, o autor se propôs a valorizar a cultura nacional, através de elementos e personagens que traduziam os costumes dos brasileiros, dando ênfase à liberdade e criatividade de seus habitantes, minimizando, assim, a influência da cultura estrangeira, tão predominante nas obras literárias até então produzidas.

Monteiro Lobato tornou-se reconhecido, no contexto da literatura brasileira, como um escritor que se identificava com o seu meio, através da sensibilidade e inteligência encontradas em sua produção intelectual, particularizando-o em relação a outros autores que se limitavam a exercer o papel de meros divulgadores de idéias pré-fabricadas pela cultura estrangeira, sem qualquer questionamento ideológico.

Houve em nossa literatura a ocorrência da sedução intelectual estrangeira e o desejo de se alimentar da cultura popular, dualidade esta solucionada por Monteiro Lobato que conciliou o nacional com as necessárias contribuições de outras culturas. Para o autor, o nacional deixa de ser pitoresco passando a ganhar tipificação como no caso de Jeca Tatu que, considerado polêmico, personifica a estagnação, a precariedade da vida nacional, bem como o comodismo em aceitar a situação de perder tudo a ter que tomar uma posição.

Assumindo a responsabilidade de denúncia, Monteiro Lobato estabelece uma ligação entre a literatura e as questões sociais, ao descrever com olho clínico e impiedoso, a realidade do país e seu inconformismo com problemas existentes na sociedade brasileira, destacando que, além das denúncias literárias fundou,

também, empresas que explorando ferro e petróleo pudessem trazer prosperidade ao país.

A postura de Monteiro Lobato assusta e ameaça, uma vez que demonstra sua inquietude diante da ingestão passiva das modas européias, por detestar a imitação, além de questionar os modelos do sistema, apresentando outros em substituição. Este intelectual caracterizou-se pelo risco da inovação, por se recusar a seguir programas já estabelecidos, pregando, em contrapartida, a aventura da descoberta pessoal.

Nas obras de Monteiro Lobato sempre há espaço para a interlocução com o destinatário, onde a discordância é prevista, pois seus leitores são estimulados a observar a realidade através de conceitos próprios, diante da interpretação do quadro nacional nos aspectos político, econômico, social e cultural apresentados pelo autor.

A importância dada à literatura no processo social se evidencia com o destaque que Lobato confere ao livro, como sendo meio eficaz de modificação da percepção do leitor, a quem ele reserva um lugar especial em seu mundo ficcional,

A obra literária de Monteiro Lobato mereceria um estudo a fim de se mensurar seus reflexos na vida brasileira, considerando a influência que exerceu nas gerações que na infância conheceram seus livros. Ao romper com os estereótipos consagrados o leitor pôde questionar sua pertinência, como decorrência da formação de consciência crítica a que foi estimulado pelo autor, até porque imprescindível conhecer pontos de vista distintos daqueles próprios de sua condição social para se chegar a uma convicção.

3 LITERATURA INFANTIL E ESCOLA

As modificações ocorridas na Idade Moderna e solidificadas no século 18 propiciaram a ascensão de modalidades culturais como a escola, com sua organização atual, e gênero literário dirigido aos mais jovens. Com a decadência do feudalismo, foram desagregados os laços de parentesco que representavam, até então, um dos sustentáculos deste sistema, que se baseava na centralização de um grupo de indivíduos ligados por elos de sangue, dívidas e favores, sob o comando de um senhor de terras, de origem aristocrática.

Da dissolução desta hierarquia surgiu e passou a ser difundido um conceito de estrutura unifamiliar privada, desvinculada de compromissos mais estreitos com o grupo social, passando a ser mais dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno, assim como à sua intimidade, irradiando como seus principais valores a primazia doméstica, fundada no casamento e na educação dos herdeiros, além da importância da solidariedade e amor entre seus membros.

Foi Edward Shorter quem descreveu este fenômeno, que ajudou a desalojar a família tradicional, como um surto de sentimento em três diferentes áreas, onde no namoro, que aproximava os casais por considerações materialistas, deu-se lugar à felicidade pessoal com a escolha do parceiro matrimonial; no relacionamento mãe-filho passou-se a priorizar, acima de qualquer coisa, o bem-estar da criança e, ainda, na linha fronteira entre a família e a comunidade circundante, foram reforçados os laços que uniam seus membros, assim, a valorização da infância, enquanto faixa etária diferenciada, passa a ser um dos sustentáculos deste modelo doméstico (ZILBERMAN, 2003, p.17).

No entanto, surge uma nova situação onde a criança, pela fragilidade natural, considerando sua condição biológica em formação, é distanciada dos meios produtivos, o que determina sua dependência, que se acentua pelo fato de não

possuir conhecimento pragmático e que ajude a transmutar em trabalho suas habilidades. Ocorre, assim, um isolamento, em nome da preservação da naturalidade infantil e de sua inocência original, com a ignorância dos fatores que a tornariam socialmente produtiva, no caminho de sua emancipação.

A escola tem uma atuação preponderante, vez que assume um duplo papel, ou seja, o de introduzir a criança na vida adulta, ao mesmo tempo em que a protege das agressões do mundo exterior. Mas, de um modo ou de outro escola e literatura infantil têm sido o que restou para a infância, após o êxito do processo de ilhamento anteriormente descrito.

A literatura infantil e a escola, na tradição brasileira, sempre mantiveram relação de dependência mútua, afinal a escola conta com a literatura infantil para, através dela, difundir nas crianças conceitos, comportamento, sentimentos e atitudes. Os livros, por sua vez, sempre encontraram na escola utilidade garantida na forma de material de leitura obrigatória, complemento de atividades pedagógicas ou mesmo como prêmio para os alunos que se destacam.

Observa-se nos dias atuais que o conteúdo educativo, pelo qual a escola se responsabiliza, sofreu alterações o mesmo acontecendo com os comportamentos, atitudes e valores veiculados pela literatura, mantendo-se, no entanto, inalterada a relação de dependência.

A antiga aliança econômico-ideológica celebrada entre escola e histórias infantis passou a ter produções mais sofisticadas e divulgações mais agressivas, que se manifestam nas tiragens dos livros infantis sempre superiores às dos livros não infantis, com suas freqüentes reedições e no seu rápido escoamento.

Outro indício de renovação desta aliança se verifica na mobilização dos escritores para crianças, onde a maioria deles participa de campanhas e eventos que visem difundir a leitura, além de visitar escolas onde se discutem seus livros, incentivando seu consumo.

Os mesmos fatores que unem literatura infantil e escola, e que colaboraram para a modernidade no segmento da produção cultural brasileira são, também, responsáveis pelo descompasso entre a literatura infantil e a não infantil. Tomando como parâmetro a produção literária brasileira contemporânea não infantil, os livros para crianças parecem conservadores, vez que para ingressar no aparelho escolar necessitam cumprir o que se denomina compromisso pedagógico.

A sociedade brasileira contemporânea encontra, na literatura infantil, modelos

condizentes com os valores e comportamentos liberais e tolerantes incorporados pela escola brasileira de hoje. Assim, temas recorrentes nos livros infantis de hoje tais como: a consciência ecológica e a defesa das minorias, dentre outros, mantém na escola de hoje articulação homóloga à que, em seu tempo, mantinha a escola de antanho outros temas.

As atividades que hoje se sugere para despertar ou desenvolver o gosto pela leitura são observadas na transformação do texto narrativo em roteiro teatral e subsequente encenação; na reprodução, nos desenhos ou cartazes, do tema ou de personagens do livro; no prosseguimento da história, na sua reescritura com alteração do ponto de vista; no jogral e tantas outras, familiares a quem tem intimidade com a literatura infantil.

Vale enfatizar que, muito além das queixas que geralmente pontilham discussões sobre leitura e literatura infantil, é preciso que se entenda essa antiga inter-relação da literatura com a escola como histórica e social, assim como entender, também, que não se decreta a independência de um segmento da produção cultural das estruturas nem das instituições pelas quais tal produção circula e em cujo código encontra seu significado.

4 LITERATURA GERAL E INFANTIL

Basta que uma atividade intelectual se manifeste por intermédio da palavra para cair no domínio da Literatura. No entanto, a Literatura não abrange apenas o que está escrito, ainda que esta seja a melhor forma de reconhecê-la, talvez pela associação que se estabelece entre “literatura” e “letras”. A palavra pode ser apenas pronunciada.

Os iletrados possuem sua literatura, assim como os povos primitivos, mesmo que alheios às disciplinas de ler e escrever, também tinham suas lendas e histórias e compunham seus cânticos, além de exemplificar sua experiência e sua moral com provérbios e representações dramáticas. Muita herança literária foi transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca. Essa é a Literatura oral que ao ser escrita se torna registro folclórico.

Classifica-se como Literatura infantil o que se escreve para as crianças, porém seria mais acertado considerá-la com tal, o que elas lêem com utilidade e prazer. Assim, não haveria uma Literatura infantil *a priori*, mas *a posteriori*.

Mais do que uma “literatura infantil” existem “livros para crianças”, e classificá-los dentro da Literatura Geral é tarefa árdua, pois muitos deles não possuem atributos literários, a não ser os de simplesmente estarem escritos. O equívoco provém de que se a arte literária é feita de palavras, não basta juntar palavras para se realizar uma obra literária.

4.1 O Livro Infantil

A história do livro infantil é recente, devendo ser esclarecido, ainda, de que livro se está falando, pois nessa categoria se incluem os livros de aprender a ler, e as séries de leituras graduadas que os completam; os livros das variadas disciplinas

escolares; além dos livros que não são utilizados na aprendizagem formal, e se caracterizam mais como recreação.

Os livros de aprender a ler e as histórias que imediatamente se seguem, como aplicação da leitura, podem, em raras vezes, possuir interesse literário uma vez que, por visar o exercício da linguagem e a obediência a determinadas recomendações pedagógicas, o texto acaba ficando na dependência desse mecanismo, sem dar oportunidade para a imaginação. Assim, somente alguns autores conseguem, através da associação de pequenas e poucas palavras, sugerir mundos de prazer espiritual e de alto exemplo, tornando modestas obras num valioso exemplo de literatura infantil.

Nem sempre é fácil estabelecer nítidas distinções nesse campo, pois em função da evolução da Pedagogia somada a intenção de tornar o estudo agradável, o livro didático tem adotado estilos, bem como procurado por temas que, ao final, quase o transformam em livros de histórias maravilhosas, gerando certa desconfiança em virtude de tanta amenidade.

4.2 O Livro Que A Criança Prefere

O “livro infantil”, ainda que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto, que acaba por transmitir os pontos de vista que considera mais úteis à formação de seus leitores mirins, e o faz utilizando um estilo e linguagem que julga ser adequado à compreensão de seu público. Assim, baseado nessas condições, qualquer tema com suficiente elevação moral, desde que exposto em forma correta e singela, pode se transformar num livro infantil, situação que vem acontecendo com grande freqüência.

Uma das dificuldades que se verifica é saber se o que há de criança, no adulto, para poder se comunicar com a infância, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. Assim, na classificação de um livro que se faz pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado seria transferir este julgamento para o seu verdadeiro destinatário, ou seja, para a criança que através da leitura manifestaria sua preferência ou não pela obra (MEIRELES, 1984, p.30).

O fato de uma criança pegar um livro e folheá-lo ou, ainda, passar os olhos por algumas de suas páginas não serve de parâmetro, afinal, há diversos artifícios

empregados na tentativa de se capturar esse difícil leitor, como as capas coloridas, títulos empolgantes, além das belas gravuras.

A manifesta preferência de um livro se revela quando a criança vive a sua influência, carregando durante a vida as paisagens, músicas e descobrimentos nele contidos, o que acaba por demonstrar sua total aprovação. Assim, uma obra classificada como a verdadeira literatura infantil é encontrada, necessariamente, no acervo de livros que de século em século e de terra em terra, as crianças têm descoberto, têm preferido, e incorporado ao seu mundo, familiarizadas com seus heróis, suas aventuras, seus hábitos e linguagem, além da suas glórias e derrotas.

Contrariando o que muitos supõem, a literatura não é um passatempo, mas uma nutrição. Se crítica existisse em relação aos livros infantis, esta deveria discriminar as qualidades de formação humana que apresentam os livros em condições de serem manuseados pelas crianças deixando, sempre, uma margem para o mistério, para o que na infância se descobre pela genialidade da sua intuição.

Os livros que mais têm durado não dispunham de tantos recursos de atração, pois neles era a história o que realmente seduzia, sem publicidade e sem os inúmeros recursos tipográficos que hoje solicitam adultos e crianças fascinando-os antes de se declararem, através de seu conteúdo.

4.3 Bibliotecas Infantis

A formação das Bibliotecas Infantis tornou-se uma necessidade dos tempos atuais, vez que praticamente não existem mais mães nem avós interessadas na doce missão de contar histórias. É verdade, no entanto, que existe em algumas escolas a “hora do conto”. Porém, como o aspecto oral se completa com o visual, não é só a história que importa, mas a maneira de contá-la com as expressões fisionômicas, os trejeitos, a voz, enfim com toda a dramatização.

Quando a Biblioteca oferece uma grande variedade de leituras para as crianças permite, também, aos adultos se instruírem acerca de suas preferências, pois na escolha feita dentre tantos livros postos à sua disposição, os pequenos revelam seu gosto, suas tendências e seus interesses.

As preferências das crianças sobre as leituras deveriam ser anotadas, para fins de informação aos que se dedicam ao estudo do assunto, pois com elas se saberia com segurança o que mais interessa ao jovem leitor, segundo o sexo e

idade. As pesquisas até agora realizadas já mostram que há um tempo para as histórias de fadas, assim como há um tempo para as aventuras, e as leituras de tipo científico, desenhando uma curva de preferência que não é idêntica nos dois sexos. Tais informações auxiliariam na classificação dos livros, facilitando o acesso às estantes.

Outra pesquisa curiosa seria a do tamanho dos livros, em relação à preferência do leitor, pois se em alguns casos um pequeno volume inspira na criança grande confiança pela possibilidade de percorrê-lo todo em pouco tempo, noutros, parece que os volumes robustos conferem ao leitor, além que a própria leitura certa seriedade e importância.

Para os pequeninos leitores destinam-se grandes ilustrações e pequenos textos, já em outras leituras mais adiantadas, quando a ilustração passa a exercer um papel puramente decorativo na ornamentação do texto, talvez se devesse restringir às passagens mais difíceis de entender sem o auxílio de imagem, como no caso de se referir a um país estrangeiro, com fauna e flora desconhecidas, ou de tipos e costumes exóticos.

5 A LITERATURA QUE INFORMA

Dependendo do momento que a criança está vivendo, da dúvida que a intriga ou da situação que experimentou, ela pode demonstrar interesse pela leitura de variados assuntos. A forma como o tema será abordado não deve fugir das questões principais, e nem se apresentar com explicações evasivas ou confusas que impeçam a criança de pensar, elaborar, criticar ou concordar com a resposta que obteve através da leitura.

Assim, na literatura destinada a desenvolver determinado assunto, é importante que a explicação venha na forma de ficção ou histórias em que seja abordado um ou vários problemas que a criança possa estar atravessando, ou simplesmente esteja interessada, onde o tema transcorrerá naturalmente dentro da narrativa que, certamente, não tratará apenas dele.

Para se lidar com temas da denominada realidade não é obrigatório que a linguagem do autor seja realista, podendo ser poética, suave, tristonha ou divertida, conforme concebeu a história, seus personagens, seu desenvolvimento, assim como seu final, vez que tudo partiu da convicção e da escolha do escritor.

Qualquer assunto pode ser importante, independente da curiosidade da criança, que pode não ter interesse pelo tema, dependendo assim, também, do desenvolvimento do mundo, das contradições que criança vivencia, se com elas se envolve ou se apenas observa os fatos. O autor precisa ficar atento a tudo o que acontece, pois há temas que em virtude da evolução dos costumes deixam de ser polêmicos, outros vão surgindo devagar, há outros temas sobre os quais o momento de falar se impõe.

É fundamental que o autor esteja verdadeiramente convencido da questão que aborda para que a mesma chegue ao leitor como verdadeira, pois tal ausência produzirá mais uma pincelada demagógica ao tema, nada esclarecendo ou

acrescentando ao leitor.

Uma vez escolhido o tema, este deverá ser trabalhado com vivência, verdade, sentimento e clareza por parte do autor, desde que esteja convencido de sua importância.

5.1 Lendo Sobre A Separação

Nos dias atuais e principalmente nas grandes cidades, observamos que se famílias se formam pelo casamento ou equivalente, as mesmas se desfazem com a separação dos pais, sendo que a frequência de tais ocorrências não gera mais espanto em ninguém, o mesmo ocorrendo com relação ao grande número de crianças que encontram um dos seus pais apenas em finais de semana alternados.

Diante da nova forma de se relacionar, com dia e horas marcados, tornou-se necessária à descoberta de um novo jeito de conversar, de se aproximar, de conviver ainda que de forma fracionada, situação que desperta o interesse pela leitura de histórias que se assemelhem à vida dessas crianças para que estas se identifiquem ou não, com as reações apresentadas pelos personagens.

Assim, o autor Mário Prata, em *Sexta-feira de noite*, através de um diálogo vivo e espontâneo entre dois irmãos de 5 e 7 anos, mostra como os pequenos se sentem em relação à separação dos pais, com o inevitável sofrimento que a situação proporciona a eles, mencionando, no entanto, o sonho de ambos em elaborar um plano onde o namorado da mãe e a namorada do pai possam viajar juntos.

A história traz, também, o cotidiano dos irmãos com suas novas descobertas sobre dor, sexo, dor de dentes, dentre outras ocorrências comuns ao universo infantil. A história sem mistificação é narrada sob o olhar de crianças paulistanas que, como tantas outras, se preparam na sexta-feira, para um final de semana com o pai, com quem já não moram no durante a semana.

Já a escritora Vivina de Assis Viana, em *O dia de ver meu pai*, foi pioneira ao tocar no assunto, pois abordou em seu livro sobre o dia de Domingo, que era o dia destinado a certo menino para encontrar o pai, com quem já não convivia, trazendo a explicação sofrida do personagem sobre a separação, sobre a nova companheira do pai e sobre a ausência de escolha, quando a convivência forçada implicaria mais dor. Como conversava com o pai sobre vários assuntos, certa vez o filho o indagou se ele já havia chorado e em que circunstâncias. Obteve como resposta a

sinceridade daquele homem que enfatizou que chorar todo mundo chora e pelos mais diversos motivos, além de admitir que não tinha muitas respostas sobre seus sentimentos e emoções.

A obra demonstra como uma separação deixa marcas, não havendo como mentir sobre isso, no entanto esclarece que sempre haverá a tentativa de recompor a vida que acaba por se equilibrar e seguir em frente.

5.2 Lendo Sobre O Crescimento Pessoal

Sobre este tema, a autora Eliane Ganem, em *O coração de Corali*, desenvolve uma história sobre o espaço que sobra no coração de uma menina, tendo como motivo a tristeza, aflição ou solidão. A família sugere variadas soluções, sem que a própria menina seja consultada para ao menos apontar a provável resposta. No entanto, somente ao conversar com uma tia gorda, a menina descobre que todo mundo tem um buraco no coração, e para esquecer o vazio que possuem algumas pessoas comem demais, outras fumam, outras ainda trabalham compulsivamente, todos no intuito de mascarar essa realidade, afinal não é fácil preencher o coração com coisas que valham a pena.

Assim, o livro que trabalha com um tema tão delicado e verdadeiro, traz a própria criança encarando o que lhe falta, enquanto a maioria dos adultos finge não se dar conta. Afinal, para se ter um coração totalmente preenchido é imprescindível a percepção e escolha, aprendendo a deixar de lado as coisas que são menos importantes ou, ainda, não merecedoras de confiança.

Ainda sobre o crescimento pessoal, a escritora Ruth Rocha, em *Faca sem ponta, galinha sem pé*, de uma forma bem divertida, faz com que um menino e uma menina atravessem um arco-íris, para que cada um deles se conscientize das dificuldades de pertencer ao sexo oposto, com suas respectivas exigências e inevitáveis problemas.

A obra demonstra o quanto é fácil se lamentar quando não se sabe o que o outro vive, assim como é fundamental, para todos, saber e conhecer o próprio sexo para, assim, conseguir crescer como pessoa inteira que se sabe e se conhece.

Ainda sobre o mesmo tema, o escritor Ziraldo, em *O menino maluquinho*, narra a vida de um moleque que está em permanente movimento, explosivo em seus comentários, mas um constante brincalhão que nem por isso deixa de ter seus

momentos de solidão e reflexão, ao se trancar em seu quarto até que consiga compreender determinada situação ou alguma aflição.

A história se refere a uma criança que sabe crescer, vez que se sentindo amada tem interesse por muita gente e muitas atividades, encarando as diferentes situações que vivencia, reconhecendo nelas a alegria que lhes foi proporcionada.

5.3 Lendo Sobre A Morte

Este tema ainda é pouco explorado, mesmo diante da realidade do mundo que diariamente nos fornece números e imagem de tamanha mortandade ao noticiar guerras, epidemias, bombardeios ou acidentes, além dos falecimentos que ocorrem por doença ou por causas naturais. Assim, a morte faz parte dos comentários, das lamentações e das indignações das pessoas com quem convivemos.

A autora Lygia Bojunga Nunes, em sua bela obra chamada *Na corda bamba*, escreveu de forma sensível, no entanto triste, a história da menina Maria que, levada para a casa de sua avó, pessoa rica e dominadora, vive um processo de amnésia vez que apagou da memória a morte dos pais ocorrida numa apresentação no trapézio. Nas adaptações sofridas pela menina nota-se que, ao invés da vida com o brilho e magia do circo, ela passou a ter como rotina a escola, os problemas com a Matemática além de sua solidão.

A história triste e comovente mostra como Maria vai recobrando a memória do triste acontecimento, à medida que aprende a se gostar e exercitar o escolher, passando a abrir seus espaços internos.

Sobre o mesmo tema, Luis Fernando Emediato, em *Eu vi minha mãe nascer*, desenvolve a história de um menino que começou a ser preparado para a morte quando a própria mãe, ao descobrir a gravidade de sua doença, passou a explicar que após sua partida renasceria da terra como uma planta branca e especial. Quando ocorreu o falecimento, somado ao desamparo do pai, o garoto sentiu e compreendeu todo o sofrimento da nova situação.

A história que versa sobre a relação de pai e filho transformados em viúvo e órfão, coloca ao leitor a possibilidade de transformação e de renascimento para a vida, ainda que em decorrência da perda de uma pessoa tão amada como a mãe, conforme trouxe a obra.

Existem, ainda, autores como Wander Pirolli que falam sobre um outro tipo de

morte como, em *Os rios morrem de sede*, onde um homem relata que pela poluição, assassinaram um rio em que ele passou momentos marcantes e significativos de sua infância e que, diante da destruição, lamentado não poder mostrá-lo ao seu filho. O autor denuncia que ao matarmos a natureza matamos, também, um pouco da natureza do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da literatura infantil é do conhecimento de todos, porém é preciso enfatizar que a produção com qualidade literária é indispensável.

O questionamento que se impõe para a real existência de obras de literatura infantil e não apenas livros dirigidos ao leitor mirim, nos quais, através de artifícios visuais possamos encontrar o conteúdo que acreditamos possuir.

A importância da escola, que assume parte da base que sustentará o futuro adulto, deve ser sempre acompanhada com critérios sérios e fiéis aos fins a que se propõe.

Os livros que as crianças naturalmente escolhem, revelam seu verdadeiro interesse e suas necessidades, ainda que, num primeiro momento, movidas pela mera curiosidade pelo tema, este fato também deveria ser levado em conta para fins de classificação de obras em literatura infantil, vez que expressam a opinião dos destinatários de forma tão genuína.

As informações transmitidas pela leitura de temas com os quais a própria família não tem preparo para se posicionar, são de grande valia vez que dão às crianças algumas respostas ao mesmo tempo em que abrem um espaço para sua reflexão trabalhando, assim, com os sentimentos e emoções.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. 5.ed. São Paulo. Scipione. 2003.

BIDERMAN, Iara. Assunto de Criança. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 18 set. 2008, Folha Equilíbrio, p. 8-11.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 7.ed. São Paulo. Brasiliense. 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo**. 6.ed. São Paulo. Ática. 2008.

LAJOLO, Marisa. ;ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira História & Histórias**. 6.ed. São Paulo. Ática. 2007.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1984.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11.ed. São Paulo. Global. 2003.